

ISAURA PAVIA DE MAGALHÃES LISBOA, EDUCADORA

OS 4 FUGITIVOS / 1945, 12', excerto
A GATINHA BORRALHEIRA / 1949, 43'

filmes de ISAURA PAVIA DE MAGALHÃES LISBOA

Realização, argumento, planificação, fotografia, montagem: Isaura Pavia de Magalhães Lisboa / *Interpretação:* família Magalhães Lisboa / *Produção:* JAD – Juventude Artístico-Desportiva / *Cópias:* da Cinemateca Portuguesa, digital (produzida a partir da digitalização de materiais em 8mm), preto e branco e colorida (respetivamente), sem som / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Duração total da projeção: 55 minutos.

Sessão com acompanhamento à viola de Kyle Quest.

Isaura Pavia de Magalhães Lisboa (1912-2000) foi violoncelista e professora de música no Conservatório Nacional, tendo fundado a Orquestra Universitária e a Academia de Artes de Cascais, que dirigiu por longos anos. Mas além da música, tinha um especial apreço pelo cinema. Logo em 1931 (ou seja, quando contava com 18 ou 19 anos) realizou o seu primeiro filme amador (em suporte 9.5mm), **O Exército dos Mosquitos**, filme do qual não se conservam quaisquer materiais, mas do qual se guardaram alguns elementos de produção (orçamentos, lista de financiadores – amigos e família – elenco, equipa técnica). Depois dessa primeira investida no cinema amador, Isaura Pavia de Magalhães Lisboa suspende a sua atividade cinematográfica (provavelmente para se dedicar à música, para constituir família, e certamente por conta das limitações impostas pela Segunda Guerra Mundial) até que, em 1944, voltamos a ter registos de filmes seus. Já em 8mm (o novo formato do cinema doméstico), fez **Quem Teme o Lobo Feroz?**, a que se seguiram **Os 4 Fugitivos** (1945), **A Gatinha Borralheira** (1949), **Rapsódia Portuguesa** (1950), **Uma Caixinha de Surpresas** (1951), **O Dragão da Lagoa Azul** (1955), **Branca de Neve** (que ainda não foi possível datar com precisão), **A História da Carochinha e do João Ratão ou da Princesa Sherazade e do Príncipe Igor** (do qual só existe referência escrita), **Fantasia** [1970], além de uma lista de mais de uma dezena de “documentários” (leia-se, registos da vida quotidiana sem encenação nem trama narrativa).

Estes filmes amadores distinguem-se daquilo que é o estereótipo dos “filmes domésticos” ou “filmes de família”. Se é certo que o suporte era amador e que os filmes foram feitos em família, também é verdade que o grau de investimento e complexidade destes objetos os afasta – e muito – daquilo que são os típicos *home movies* (através dos quais as famílias fixavam eventos importantes como férias, nascimentos, batizados, casamentos e outras ocasiões festivas). Todos os títulos anteriores correspondem a filmes de ficção com tramas inspiradas em fábulas infantis, pululados por inúmeras personagens (de modo a que todos os elementos da família pudessem interpretar um papel), com recurso a sofisticados guarda-roupas, com cenários cuidados, montados e narrados com intertítulos (os filmes não têm som) e com metragens variadas (que tanto pode ser curta, 15 minutos, como pode ser já bastante longa, mais de uma hora). O acervo documental de Isaura Pavia de Magalhães Lisboa, no que ao cinema diz respeito, revela-nos que para todos estes filmes se organizava uma pormenorizada planificação (que servia, depois, de mapa de trabalhos para a rodagem – uma vez que várias dessas planificações estão riscadas, indicando que a filmagem já havia sido realizada), assim como se preparavam os intertítulos, datilografando o texto em papel cartonado especial (o acervo inclui dezenas desses cartões).

Isaura transformou o cinema num desafio pedagógico que envolvia todas as crianças da família – a começar pelos próprios filhos – mas também vários adultos. É fácil imaginar que cada um destes filmes tenha correspondido ao empreendimento familiar de uma das férias grandes. Com um projeto destes, miúdos e graúdos arranjavam entretenimento para os meses de Verão – um projeto coletivo que

depois podiam apresentar publicamente perante a família e os amigos. Embora tudo se tratasse de uma brincadeira infantil o cuidado e o “profissionalismo” destes filmes amadores é bastante surpreendente. Por exemplo, logo em 1931, por conta do referido **O Exército dos Mosquitos**, Isaura Pavia de Magalhães Lisboa desenha o regulamento de uma fictícia empresa cinematográfica, a SIF (Sociedade Internacional de Filmes) que definia o modo através do qual os membros podiam ser admitidos (auxiliares, dirigentes e beneméritos), o valor da cota que deveriam pagar (cada criança teria que contribuir com um pequeno valor que possibilitava a produção do filme), valor esse que permitia participar no filme e também convidar amigos para as sessões públicas. Mais tarde a “entidade” responsável pelos filmes – e que aparece sempre no genérico de abertura destes filmes – é a JAD (Juventude Artístico-Desportiva) – igualmente fictícia, mas que espelha a mesma seriedade institucional que se queria reproduzir na apresentação dos filmes (mesmo se amadores). Filmados com crianças e para crianças (mas com o rigor dos adultos), os filmes de Isaura Pavia de Magalhães Lisboa eram apresentados em festas e saraus (semipúblicos) que incluíam concertos (onde as crianças tocavam os vários instrumentos que estavam a estudar – esta era, afinal, uma família de músicos), bailados (*idem*), teatro e sessões de cinema (*hélas*).

De todos os filmes que realizou, **Os 4 Fugitivos** é o mais longo, tendo cerca de uma hora de duração (o que, do ponto de vista estritamente historiográfico, o coloca como a primeira longa-metragem de ficção realizada por uma mulher em Portugal – uma vez que precede **Três Dias Sem Deus** num ano, que **Terras Portuguesas – O Minho**, de 1934 e feito por Amélia Borges Rodrigues, corresponde a uma longa documental, e antes disso, os filmes de Virgínia de Castro e Almeida não a creditaram como realizadora). Infelizmente o avançado estado de degradação da cópia única existente não nos permite vê-lo na íntegra. Pior que isso, o encolhimento da película faz com que a sua projeção seja impossível e que a sua digitalização só seja possível de forma parcial e sem estabilização da imagem. Por esse motivo, aquilo que hoje se apresenta é apenas um fragmento desse filme, que no fundo corresponde à abertura narrativa (uma mãe confronta um militar nazi, é assassinada e os filhos são acolhidos por uma mulher mais velha – não veremos, mas o resto da trama apresenta as várias peripécias destas crianças que vão saltitando de mão em mão até terminarem nas mãos dos próprios pais, isto porque Isaura interpreta a mãe das crianças, que são os seus próprios filhos).

A Gatinha Borralheira é o filme imediatamente seguinte (da filmografia conhecida) é também o primeiro a cores. A metragem é igualmente algo longa (43 minutos) e a cópia existente está também bastante degradada (especialmente ao nível da emulsão, com alteração das cores e muitos riscos em algumas sequências). No entanto, aqui é possível ver o filme na íntegra. Trata-se de uma adaptação muito livre da história da Cinderela, com uma madrasta má, um príncipe, uma menina querida e um sapatinho que cabe apenas do pezinho dessa menina. Porém, Isaura abre o filme a outras tipologias, com histórias dentro de histórias, números “musicais” paralelos e vários desvios narrativos (tudo indica que estes filmes, apesar de “mudos” eram acompanhados por composições musicais – como acontece na sessão de hoje). O que impressiona, acima de tudo, é a riqueza dos guarda-roupas, com dezenas de crianças vestidas de época com vestidos de gala, reproduzindo os bailes da corte que teria sido possível ver nos filmes históricos da época. Aliás, esse é um dos aspetos mais surpreendentes de toda a produção de Isaura Pavia de Magalhães Lisboa, a forma como – em moldes caseiros e amadores – procura reproduzir com as crianças da família os vários géneros populares do cinema infantojuvenil: o filme de aventuras, o melodrama, o filme de fantasia, a rapsódia, o filme de mistério, etc.

Nada disto era conhecido até 2023. Pela natureza doméstica destes filmes, a sua circulação fez-se sempre em contexto familiar. Foi graças à iniciativa dos herdeiros de Isaura Pavia de Magalhães Lisboa, que decidiram depositar os filmes (e a documentação anexa) na Cinemateca Portuguesa, que foi possível, nos últimos anos, iniciar um processo de identificação, catalogação, digitalização, análise e contextualização destes filmes que permite que agora este espólio seja um dos mais significativos (pela sua antiguidade, pela sua extensão, pela sua singularidade e pelas suas condições de produção) no que respeita ao cinema amador português.

Ricardo Vieira Lisboa